CRISTO PRESENTE NOS CRISTÃOS

Cristo vive. Esta é a grande verdade que enche de conteúdo a nossa fé. Jesus que morreu na cruz, ressuscitou; triunfou da morte, do poder das trevas, da dor e da angústia. «Não temais» — foi com esta invocação que um anjo saudou as mulheres que iam ao sepulcro. «Não temais. Procurais Jesus de Nazaré, que foi crucificado. Ressuscitou; não está aqui»[1]. «Haec est dies quam fecit Dominus, exultemus et laetemur in ea» — este é o dia que o Senhor fez; alegremo-nos[2].

O tempo pascal é tempo de alegria, de uma alegria que não se limita a esta época do ano litúrgico, mas mora sempre no coração dos cristãos. Porque Cristo vive; Cristo não é uma figura que passou, que existiu em certo tempo e que se foi embora, deixando-nos uma recordação e um exemplo maravilhosos. Não. Cristo vive. Jesus é Emanuel: Deus connosco. A sua Ressurreição revela-nos que Deus não abandona os seus. «Pode a mulher esquecer o fruto do seu seio e não se compadecer do filho das suas entranhas? Pois ainda que ela se esquecesse, eu não me esquecerei de ti»[3], havia-nos Ele prometido. E cumpriu a promessa. Deus continua a ter as suas delícias entre os filhos dos homens[4].

Cristo vive na sua Igreja. «Digo-vos a verdade: convém-nos que Eu vá; porque, se Eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se Eu for, enviar-vo-Lo-ei»[5]. Esses eram os desígnios de Deus: Jesus, morrendo na Cruz, dava-nos o Espírito de Verdade e de Vida. Cristo permanece na sua Igreja: nos seus sacramentos, na sua liturgia, na sua prègação, em toda a sua actividade.

---

[1] Mc. 16,6 (Evangelho da Missa do Domingo da Ressurreição).
[2] Ps. 117, 24 (Gradual da mesma Missa).
[3] Is. 49, 14-15.
[4] Cfr.. Prov. 8,31.
[5] Jo. 16,7.

De modo especial, Cristo continua presente entre nós nessa entrega diária que é a Sagrada Eucaristia. Por isso a Missa é o centro e a raíz da vida cristã. Em todas as Missas está sempre presente o Cristo total, Cabeça e Corpo. «Per Ipsum, et cum Ipso, et in Ipso». Porque Cristo é o Caminho, o Mediador. Nele tudo encontramos; fora dele a nossa vida torna-se vazia. Em Jesus Cristo, e instruídos por Ele, atrevemo-nos a dizer — «audemus dicere» — «Pater noster», Pai nosso. Atrevemo-nos a chamar Pai ao Senhor dos Céus e da Terra.

A presença de Jesus vivo na Sagrada Hóstia é a garantia, a raiz e a consumação da sua presença no mundo.

Cristo vive no cristão. A fé diz-nos que o homem, em estado de graça, está *endeusado.* Somos homens e mulheres; não anjos. Seres de carne e osso, com coração e paixões, com tristezas e alegrias; mas a divinização envolve o homem todo, como antecipação da ressurreição gloriosa. «Cristo ressuscitou dentre os mortos, como primícias dos que morreram. Porque, assim como por um homem veio a morte, também veio por um homem a ressurreição. Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também em Cristo todos são vivificados»[6].

A vida de Cristo é vida nossa, segundo o que prometera aos seus Apóstolos no dia da Última Ceia: «Todo aquele que me ama observará os meus mandamentos, e meu Pai o amará, e viremos a ele e faremos nele morada»[6]. O cristão, portanto, deve viver segundo a vida de Cristo, tornando seus os sentimentos de Cristo, de tal modo que possa exclamar com S. Paulo: «Non vivo ego, vivit vero in me Christus»[8]; não sou eu quem vive; é Cristo que vive em mim.

*

Quis recordar, embora brevemente, alguns dos aspectos do viver actual de Cristo — «Iesus Christus heri et hodie; ipse et in saecula»[9]; Jesus Cristo é sempre o mesmo, ontem e hoje, e por toda a eternidade — porque aí está o fundamento de toda a vida cristã. Se olharmos ao nosso redor e considerarmos o decurso da história da humanidade, observaremos progressos e avanços: a ciência deu ao homem uma consciência maior do seu poder; a técnica domina a natureza melhor do que em épocas passadas, e permite à humanidade sonhar com um nível mais alto de cultura, de vida material, de unidade.

---

[6] I Cor. 15, 20-21.
[7] Jo. 14,23.
[8] Gál. 2,20.
[9] Hebr. 13,8.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

Talvez alguns se sintam levados a matizar este quadro, recordando que os homens padecem agora injustiças e guerras maiores ainda do que as passadas. E não lhes falta razão. Mas, por cima dessas considerações, prefiro recordar que, no domínio religioso, o homem continua a ser homem e Deus continua a ser Deus. Neste campo, o cume do progresso já se deu: é Cristo, alfa e ómega, princípio e fim [10].

No terreno espiritual não há nenhuma nova época a que chegar. Já tudo se deu em Cristo, que morreu e ressuscitou, e vive, e permanece para sempre. Mas é preciso unir-se a Ele pela fé, deixando que a sua vida se manifeste em nós, de maneira que se possa dizer que cada cristão é, não já «alter Christus», mas «ipse Christus», o próprio Cristo!

«Instaurare omnia in Christo», é o lema que S. Paulo dá aos cristãos de Éfeso [11]: dar forma a tudo segundo o espírito de Jesus; colocar Cristo na entranha de todas as coisas. «Si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum» [12]: quando Eu for levantado sobre a terra, tudo atrairei a Mim. Cristo, com a sua Encarnação, com a sua vida de trabalho em Nazaré, com a sua pregação e os seus milagres por terras da Judeia e da Galileia, com a sua morte na Cruz, com a sua Ressurreição, é o centro da Criação, Primogénito e Senhor de toda a criatura.

A nossa missão de cristãos é proclamar essa Realeza de Cristo; anunciá-la com a nossa palavra e com as nossas obras. O Senhor quer os seus em todas as encruzilhadas da Terra. A alguns, chama-os ao deserto, desentendendo-se das inquietações da sociedade humana, para recordarem aos outros homens, com o seu testemunho, que existe Deus. Encomenda a outros o ministério sacerdotal. À grande maioria, o Senhor a quer no mundo, no meio das ocupações terrenas. Estes cristãos, portanto, devem levar Cristo a todos os ambientes em que se desenvolvem as tarefas humanas: à fábrica, ao laboratório, ao trabalho do campo, à oficina do artesão, às ruas das grandes cidades e às veredas da montanha.

Gosto de recordar a este propósito o episódio da conversa de Cristo com os discípulos de Emaús. Jesus caminha junto daqueles dois homens que perderam quase toda a esperança, de modo que a vida começa a parecer-lhes sem sentido. Comprende a sua dor, penetra nos seus corações, comunica-lhes algo da vida que Nele habita. Quando, ao chegar àquela aldeia, Jesus faz menção de seguir para diante, os dois discípulos retêm-No e quase o forçam a ficar com eles. Reconhecem-No depois ao partir o pão: — O Senhor, exclamam,

[10] Apoc. 21,6.
[11] Ef. 1,10.
[12] Jo. 12,32.

esteve connosco! «Então disseram um para o outro: Não é verdade que sentíamos abrasar o coração dentro de nós enquanto nos falava no caminho e nos explicava as Escrituras?» [13]. Cada cristão deve tornar Cristo presente entre os homens; deve viver de tal maneira que todos com quem contacte sintam o «bonus odor Christi» [14], o bom odor de Cristo; deve actuar de forma que, através das acções do discípulo, se possa descobrir o rosto do Mestre.

O cristão sabe que está enxertado em Cristo pelo Baptismo; habilitado a lutar por Cristo pela Confirmação; chamado a actuar no mundo pela participação que tem na função real, profética e sacerdotal de Cristo; feito uma só coisa com Cristo pela Eucaristia, Sacramento da unidade e do amor. Por isso, tal como Cristo, há-de viver voltado para os outros homens, olhando com amor para todos e cada um dos que o rodeiam, para a humanidade inteira.

A fé leva-nos a reconhecer Cristo como Deus, vê-Lo como nosso Salvador, a identificar-nos com Ele, actuando como Ele actuou. O Ressuscitado, depois de arrancar das suas dúvidas o Apóstolo Tomé, mostrando-lhe as chagas, exclama: «Bem-aventurados os que, sem me verem, acreditaram» [15]. «Aqui — comenta S. Gregório Magno — fala-se de nós de um modo particular, porque nós possuímos espiritualmente Aquele a Quem corporalmente não vimos. Fala-se de nós, mas com a condição de que as nossas acções se conformem à nossa fé. Não crê verdadeiramente senão quem, no seu actuar, põe em prática o que crê. Por isso, a propósito daqueles que da fé não possuem mais do que palavras, diz S. Paulo: professam conhecer Deus, mas negam-no com as obras» [16].

Não é possível separar em Cristo o ser de Deus-Homem e a sua função de Redentor. O Verbo fez-se carne e veio à Terra «ut omnes homines salvi fiant» [17], para salvar todos os homens. Com todas as nossas misérias e limitações pessoai, nós somos outros Cristos, o próprio Cristo, e somos também chamados a servir todos os homens.

É necessário que ressoe uma e outra vez aquele mandamento que continuará a ser novo através dos séculos: «Caríssimos — escreve S. João — não vos escrevo um mandamento novo, mas um mandamento antigo, que recebestes desde o princípio. Este mandamento antigo é a palavra divina que ouvistes. E, no entanto, falo-vos de um mandamento novo, que é verdadeiro Nele mesmo e em vós, porque as trevas já passaram e já resplandece a verdadeira

[13] Luc. 24,32.
[14] Cfr. II Cor. 2,15.
[15] Jo. 20, 29.
[16] S. Gregório Magno, *Homilias sobre os Evangelhos*, 26, 10. A citação de S. Paulo é de Tit. 1,16.
[17] Cfr. I Tim. 2,4.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

luz. Quem diz que está na luz e aborrece o seu irmão, ainda está nas trevas. Quem ama o seu irmão permanece na luz e nele não há ocasião de queda» [18].

Nosso Senhor veio trazer a paz, a boa nova, a vida, a todos os homens. Não só aos ricos, nem só aos pobres; não só aos sábios, nem só à gente simples; a todos; aos irmãos, pois irmãos somos, já que somos filhos de um mesmo Pai, Deus. Não há portanto mais do que uma raça: a raça dos filhos de Deus. Não há mais do que uma cor: a cor dos filhos de Deus. E não há senão uma língua: a que nos fala ao coração e à inteligência, sem ruído de palavras, mas dando-nos a conhecer Deus e fazendo que nos amemos uns aos outros.

*

É esse amor de Cristo que cada um de nós se deve esforçar por realizar na sua vida. Mas para ser «ipse Christus» é preciso *mirar-se Nele*. Não basta ter uma ideia geral do espírito que Jesus viveu; é preciso aprender com Ele pormenores e atitudes. É preciso contemplar a sua vida, sobretudo para daí tirar força, luz serenidade, paz.

Quando se ama alguém, deseja-se conhecer toda a sua vida, o seu carácter, para nos identificarmos com essa pessoa. Por isso, temos de meditar na vida de Jesus, desde o Seu nascimento num presépio até à Sua morte e à Sua ressurreição. Nos primeiros anos do meu labor sacerdotal costumava oferecer exemplares do Evangelho ou livros onde se narrava a vida de Jesus, porque é necessário que a conheçamos bem, que a tenhamos inteira na mente e no coração, de modo que, em qualquer momento, sem necessidade de nenhum livro, cerrando os olhos, possamos contemplá-la como um filme; de forma que, nas mais diversas situações da nossa vida, acudam à memória as palavras e os actos do Senhor.

Sentir-nos-emos assim metidos na sua vida. Na verdade, não se trata apenas de pensar em Jesus, e de imaginar aqueles episódios; temos de meter-nos em cheio neles, como actores; temos de seguir Cristo tão de perto como Santa Maria, sua Mãe; como os primeiros Doze; como as santas mulheres; como aquelas multidões que se apertavam ao Seu redor. Se fizermos assim, se não criarmos obstáculos, as palavras de Cristo penetrarão até ao fundo da nossa alma e transformar-nos-ão. Porque «a palavra de Deus é vida, eficaz e mais penetrante que uma espada de dois gumes; introduz-se até à divisão da alma e do espírito, até às junturas e medulas, e discerne os pensamentos e intenções do coração» [19].

---

[18] I Jo. 2,7-10.
[19] Hebr. 4,12.

Se queremos levar ao Senhor os outros homens, é necessário abrir o Evangelho e contemplar o amor de Cristo. Podíamos fixar as cenas-cume da Paixão, porque, como Ele mesmo disse, «ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos» [20]. Mas também podemos considerar o resto da sua vida, o seu modo habitual de tratar com quem se cruzava com Ele.

Cristo, perfeito Deus e perfeito Homem, procedeu de um modo humano e divino para fazer chegar aos homens a Sua doutrina de salvação e para lhes manifestar o amor de Deus. Deus condescende com o homem, assume a nossa natureza sem reservas, excepto no pecado.

Dá-me uma grande alegria considerar que Cristo quis ser plenamente homem, com carne como a nossa. Emociona-me contemplar a maravilha de um Deus que ama com coração de homem.

Entre tantas cenas narradas pelos Evangelistas, detenhamo-nos a considerar algumas, começando pelos relatos do trato de Jesus com os Doze. O Apóstolo João, que verte no seu Evangelho a experiência de uma vida inteira, narra a primeira conversa com o encanto daquilo de que nunca mais se pode esquecer: — «Mestre, onde moras? Disse-lhes Jesus: Vinde e vede. Foram, pois, e viram onde morava e ficaram com Ele aquele dia» [21].

Diálogo divino e humano, que transformou a vida de João e de André, de Pedro, de Tiago e de tantos outros; que preparou os seus corações para escutarem a palavra imperiosa que Jesus lhes dirigiu junto ao mar da Galileia: «Caminhando Jesus junto ao mar da Galileia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão, lançando a rede ao mar, porque eram pescadores. E disse-lhes: Segui-Me, e Eu farei de vós pescadores de homens. Deixando as redes, imediatamente o seguiram» [22].

Nos três anos seguintes Jesus convive com os seus discípulos, conhece-os, responde às suas perguntas, resolve as suas dúvidas. Sim, é o Rabi, o Mestre que fala com autoridade, o Messias enviado por Deus; mas, ao mesmo tempo, é acessível, próximo. Um dia Jesus retira-se para orar. Os discípulos estavam perto, olhando talvez para Ele e tentando adivinhar as suas palavras. Quando regressa, um deles roga-Lhe: «— Domine doce nos orare, sicut docuit et Ioannes discipulos suos»; ensina-nos a orar, como João ensinou aos seus discípulos. «E Jesus reponde-lhes: Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o Teu nome...» [23].

---

[20] Jo. 15,13.
[21] Jo. 1,38-39.
[22] Mat. 4, 18-20.
[23] Luc. 11, 1-2.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

Também com autoridade de Deus e com carinho humano recebe o Senhor os Apóstolos, quando, assombrados pelos frutos da sua primeira missão, Lhe comentavam as primícias do seu apostolado: «Vinde, retiremo-nos a um lugar deserto e repousai um pouco» [24].

Uma cena muito similar se repete quase ao final da vida de Jesus na Terra, pouco antes da Ascensão: «Ao surgir a manhã, apresentou-Se Jesus na praia, mas os discípulos não sabiam que era Ele. Disse-lhes então Jesus: Rapazes, tendes alguma coisa de comer?» Aquele que tinha perguntado como homem, fala depois como Deus: «Lançai a rede à direita do barco e encontrareis. Lançaram-na, pois, e mal a podiam arrastar, devido à grande quantidade de peixe. Então o discípulo predilecto de Jesus disse a Pedro: É o Senhor».

E Deus espera-os na margem: «Logo que saltaram para terra viram ali umas brasas com peixe em cima, e pão. Disse-lhes Jesus: Trazei dos peixes que apanhaste agora. Simão Pedro subiu à barca e puxou a rede para terra, cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes; e, sendo tantos, não se rompeu a rede. Disse-lhes Jesus: Vinde comer. E nenhum dos discípulos se atrevia a perguntar-Lhe: Quem és Tu?, sabendo que era o Senhor. Então Jesus aproximou-Se, tomou o pão e deu-lho, fazendo o mesmo com o peixe» [25].

Esta delicadeza e carinho, manifesta-o Jesus, não só com um pequeno grupo de discípulos, mas com todos: com as santas mulheres, com representantes do Sinédrio, como Nicodemos, e com publicanos, como Zaqueu, com doentes e com sãos, com doutores da Lei e com pagãos, com pessoas, individualmente, e com multidões inteiras.

Narram-nos os Evangelhos que Jesus não tinha onde reclinar a cabeça, mas contam-nos também que tinha amigos queridos e de confiança, ansiosos por recebê-Lo em sua casa. E falam-nos da sua compaixão pelos enfermos, da sua mágoa pelos que ignoram e erram, da sua indignação perante a hipocrisia. Jesus chora pela morte de Lázaro, ira-se com os mercadores que profanam o Templo, deixa que se enterneça o seu coração com a dor da viúva de Naím.

Cada um destes gestos humanos é gesto de Deus. Em Cristo «habita toda a plenitude da divindade corporalmente» [26]. Cristo é Deus feito homem; homem perfeito; homem cabal. E, na sua humanidade, dá-nos a conhecer a divindade.

Ao recordarmos esta delicadeza humana de Cristo, que gasta a sua vida em serviço dos outros, fazemos muito mais do que descrever um modo possível de nos comportarmos: estamos a descobrir Deus. Toda a actuação de Cristo tem um valor transcendente: dá-nos a conhecer o modo de ser de Deus;

[24] Mc. 11, 1-2.
[25] Jo, 21, 5-13.
[26] Col. 2,9.

convida-nos a crer no amor de Deus, que nos criou e que quer levar-nos até à sua intimidade. «Manifestei o teu nome aos homens que, do mundo, me deste. Eram teus e Tu deste-mos, e eles guardaram a tua palavra. Agora sabem que tudo quanto me deste vem de Ti» [27], exclamou Jesus na longa oração que o Evangelista João nos conserva.

Portanto, o convívio de Jesus com os homens não fica em meras palavras nem em atitudes superficiais; Jesus toma a sério o homem e quer dar-lhe a conhecer o sentido divino da sua vida. Jesus sabe exigir, colocar os homens perante os seus deveres, arrancar do comodismo e do conformismo os que O escutam, para levá-los a conhecer o Deus três vezes santo. A fome e a dor comovem Jesus, mas sobretudo comove-O a ignorância: «Viu Jesus uma grande multidão e compadeceu-Se deles, porque eram como ovelhas sem pastor. Começou então a ensiná-los demoradamente» [28].

*

Percorremos algumas páginas dos Santos Evangelhs para contemplar Jesus no seu convívio com os homens e para aprendermos a levar Cristo aos nossos irmãos, os homens, sendo nós próprios Cristo. Apliquemos esta lição à nossa vida corrente, à vida de cada um de nós. Porque a vida corrente e ordinária, a vida de cada homem entre os seus concidadãos, e seus iguais, não é coisa baixa e sem relevo; é precisamente nessas circunstâncias que o Senhor quer que se santifique a imensa maioria dos seus filhos.

É necessário repetir uma e mais vezes que Jesus não se dirigiu a um grupo de privilegiados, mas veio revelar-nos o amor universal de Deus. Todos os homens são amados por Deus; de todos eles espera amor. De todos — quaisquer que sejam a sua condição, a sua posição social, a sua profissão ou ofício. A vida corrente e ordinária não é coisa de pouco valor; todos os caminhos da Terra podem ser uma ocasião de encontro com Cristo, que nos chama a identificar-nos com Ele, para realizarmos — no lugar onde estamos — a sua missão divina.

Deus chama-nos através dos incidentes da vida de cada dia, no sofrimento e na alegria das pessoas com quem convivemos, nas preocupações dos nossos companheiros, nas pequenas coisas da vida familiar. Deus também nos chama através dos grandes problemas, conflitos e ideais que definem cada época histórica, atraindo o esforço e o entusiasmo de grande parte da humanidade.

[27] Jo. 17, 6-7.
[28] Mc. 6, 34.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

Compreende-se muito bem a impaciência, a angústia, os inquietos anseios daqueles que, com uma alma naturalmente cristã [29], não se resignam perante a injustiça individual e social que o coração humano é capaz de criar. Tantos séculos de convivência dos homens entre si e ainda tanto ódio, tanta destruição, tanto fanatismo acumulado em olhos que não querem ver e em corações que não querem amar! Os bens da Terra, repartidos entre muito poucos; os bens da cultura, encerrados em cenáculos... E, lá fora, fome de pão e de sabedoria; vidas humanas — que são santas, porque vêm de Deus — tratadas como simples coisas, como números de uma estatística! Compreendo e compartilho dessa impaciência, levantando os olhos para Cristo, que continua a convidar-nos a pormos em prática esse *mandamento novo* do amor.

Todas as situações que a nossa vida atravessa nos trazem uma mensagem divina, pedem-nos uma resposta de amor, de entrega aos demais. «Quando vier o Filho do homem em toda a sua majestade acompanhado de todos os seus anjos, há-de sentar-se então no seu trono de glória. Perante Ele reunir-se-ão todas as nações e Ele apartará as pessoas umas das outras, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. À sua direita porá as ovelhas, e os cabritos à esquerda. O Rei dirá então aos da sua direita: Vinde, benditos do meu Pai, recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-Me de comer, tive sede e destes-Me de beber; era peregrino e recolhestes-Me; estava nu e vestistes-Me; adoeci e visitastes-Me; estive na prisão e fostes ter comigo. Então os justos responder-Lhe-ão: Senhor, quando é que Te vimos com fome e Te demos de comer, com sede e Te demos de beber? Quando é que Te vimos peregrino e Te recolhemos, ou nu e Te vestimos? E quando Te vimos doente ou na prisão e fomos visitar-Te? E o Rei dir-lhes-á em resposta: Em verdade vos digo, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes» [30].

É preciso reconhecer Cristo que nos sai ao encontro nos nossos irmãos, os homens. Nenhuma vida humana é uma vida isolada; entrelaça-se com as demais. Nenhuma pessoa é um verso solto; fazemos todos parte de um mesmo poema divino, que Deus escreve com o concurso da nossa liberdade. Nada há que seja alheio ao interesse de Cristo. Falando com profundidade teológica, isto é, se não nos limitamos a uma classificação funcional, não se pode dizer rigorosamente que haja realidades — boas, nobres e até indiferentes — que sejam exclusivamente profanas, uma vez que o Verbo de Deus fixou morada entre os filhos dos homens, teve fome e sede, trabalhou com as suas mãos, conheceu a amizade e a obediência, experimentou a dor e a morte. «Porque

[29] Cfr. Tertuliano, *Apologeticus*, 17.
[30] Mat. 25, 31-40.

foi do agrado de Deus que residisse Nele toda a plenitude e por Ele fossem reconciliadas consigo todas as coisas, pacificando, pelo Sangue da sua Cruz, tanto as da Terra como as dos Céus» [31].

Devemos amar o mundo, o trabalho, as realidades humanas. Porque o mundo é bom. Foi o pecado de Adão que desfez a harmonia divina da criação. Mas Deus Pai enviou o seu Filho unigénito para restabelecer a paz, para que nós, tornados filhos de adopção, pudéssemos libertar a criação da desordem e reconciliar todas as coisas com Deus.

Cada situação humana é irrepetível, fruto de uma vocação única, que se deve viver com intensidade, realizando nela o espírito de Cristo. Assim, vivendo cristãmente entre os nossos iguais, com naturalidade mas de modo coerente com a nossa fé, seremos *Cristo presente entre os homens.*

*

Ao considerar a dignidade da missão a que Deus nos chama talvez possa surgir a presunção, a soberba, na alma humana. É uma falsa consciência da vocação cristã aquela que nos cegar, aquela que nos faça esquecer que somos feitos de barro, que somos pó e miséria. Na verdade, não há mal apenas no mundo, ao nosso redor; o mal está dentro de nós, abriga-se no nosso próprio coração, tornando-nos capazes de vilanias e de egoísmos. Só a graça de Deus é rocha firme; nós somos areia, e areia movediça.

Se se percorre com um olhar a história dos homens ou a situação actual do mundo, é doloroso verificar que, passados vinte séculos, há tão poucos que se chamam cristãos, e que os que se adornam com esse nome são tantas vezes infiéis à sua vocação. Há anos, uma pessoa, que não tinha mau coração, mas não tinha fé, apontando-me o mapa-mundi, comentou: «Aí está o fracasso de Cristo: tantos séculos procurando meter na alma dos homens a sua doutrina, e veja os resultados — não há cristãos».

Não falta hoje quem pense assim. Cristo, porém, não fracassou; a sua palavra e a sua vida fecundam contìnuamente o mundo. A obra de Cristo, a tarefa que seu Pai Lhe encomendou, está a realizar-se; a sua força atravessa a História, trazendo a vida verdadeira «e quando tudo Lhe estiver sujeito, então também o próprio Filho se submeterá Àquele que tudo Lhe submeteu, afim de que Deus seja tudo em todos» [32].

Nesta tarefa que vai realizando no mundo Deus quis que sejamos seus

[31] Col. 1, 19-20.
[32] I Cor. 15,28.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

cooperadores; quis *correr o risco da nossa liberdade*. Emociona-me profundamente contemplar a figura de Jesus recém-nascido em Belém: um menino indefeso, inerme, incapaz de oferecer resistência... Deus entrega-Se nas mãos dos homens, aproxima-Se e desce até nós! Jesus Cristo, «que era de condição divina, não reivindica o direito de ser equiparado a Deus, mas despojou-Se a Si mesmo, tomando a condição de servo» [33]. Deus condescende com a nossa liberdade, com a nossa imperfeição, com as nossas misérias. Consente que os tesouros divinos sejam levados em vasos de barro; que O demos a conhecer misturando as nossas deficiências com a sua força divina.

A experiência do pecado não nos deve, portanto, fazer duvidar da nossa missão. Certamente que os nossos pecados podem dificultar que Cristo seja reconhecido, e por isso devemos lutar contra as nossas misérias pessoais, buscar a purificação, sabendo, porém, que Deus não nos prometeu a vitória absoluta sobre o mal nesta vida, mas o que nos pede é luta. «Sufficit tibi gratia mea» [34], basta-te a minha graça, respondeu Deus a Paulo, que pedia a sua libertação do aguilhão que o humilhava.

O poder de Deus manifesta-se na nossa fraqueza, e incita-nos a lutar, a combater os nossos defeitos, mesmo sabendo que nunca obteremos completamente a vitória durante este caminhar terreno. A vida cristã é um constante começar e recomeçar, uma renovação em cada dia.

Cristo ressuscita em nós, se nos tornarmos comparticipantes da sua Cruz e da sua Morte. Temos de amar a Cruz, a entrega, a mortificação. O optimismo cristão não é um optimismo cómodo, nem uma confiança humana em que «tudo correrá bem»; é um optimismo que se enraiza na consciência da liberdade e na fé na graça; é um optimismo que obriga a exigirmo-nos a nós próprios, a esforçarmo-nos por corresponder ao chamamento de Deus.

Cristo manifesta-Se, portanto, não já *apesar* da nossa miséria, mas, de certo modo, *através* da nossa miséria, da nossa vida de homens feitos de carne e de barro; no esforço por sermos melhores, por realizarmos um amor que aspira a ser puro, por dominarmos o egoísmo, por nos entregarmos plenamente aos demais, fazendo da nossa existência um serviço constante.

*

Não quero terminar sem uma última reflexão: o cristão, ao tornar Cristo presente entre os homens, sendo ele mesmo «ipse Christus», não procura

[33] Filip. 2, 6-7.
[34] II Cor. 12,9.

apenas viver numa atitude de amor, mas também dar a conhecer o Amor de Deus através desse seu amor humano.

Jesus concebeu toda a sua vida como uma revelação desse amor: «Filipe — respondeu a um dos seus Apóstolos — quem me vê a Mim, vê o Pai» [35]. Seguindo esse ensinamento, o Apóstolo João convida os cristãos a que, já que conheceram o amor de Deus, o manifestem com as suas obras: «Caríssimos, amemo-nos uns aos outros; porque o amor vem de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece-O. Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é Amor. Nisto se manifestou o amor de Deus para connosco: em ter enviado o seu Filho unigénito ao mundo para que por Ele vivamos. Nisto consiste o seu amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele que nos amou e enviou o seu Filho para propiciação pelos nossos pecados. Caríssimos, se Deus nos amou assim, também nos devemos amar uns aos outros» [36].

É necessário, portanto, que a nossa fé seja viva, que nos leve realmente a crer em Deus e a manter um constante diálogo com Ele. A vida cristã deve ser vida de oração constante, procurando nós estar na presença do Senhor da manhã até à noite e da noite até à manhã. O cristão nunca é um homem solitário, posto que vive numa conversa contínua com Deus, que está junto de nós e nos Céus.

«Sine intermissione orate», manda o Apóstolo — orai sem interrupção [37]. E, recordando esse preceito apostólico, escreve Clemente de Alexandria: «Manda-se-nos louvar e honrar o Verbo, a quem conhecemos como salvador e rei; e por Ele ao Pai, não em dias escolhidos, como fazem alguns, mas constantemente, ao longo de toda a vida, e de todos os modos possíveis» [38].

No meio das ocupações de cada jornada, no momento de vencer a tendência para o egoísmo, ao sentir a alegria da amizade com os outros homens, em todos esses instantes o cristão deve reencontrar Deus. Por Cristo e no Espírito Santo, o cristão tem acesso à intimidade de Deus Pai, e percorre o seu caminho buscando esse reino, que não é deste mundo, mas que neste mundo se inicia e prepara.

É preciso privar com Cristo na Palavra e no Pão, na Eucaristia e na Oração. Tratá-Lo como se trata com um amigo, com um ser real e vivo como Cristo é, porque ressuscitou. Cristo, lemos na epístola aos Hebreus, «como permanece eternamente, possui um sacerdócio eterno. Por isso, pode salvar

[35] Jo. 14,9.
[36] I Jo. 4, 7-11.
[37] I Tes. 5,17.
[38] Clemente de Alexandria, *Stromata* 1. 7, c. 7, n. 35.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

perpètuamente os que por Ele se aproximam de Deus, vivendo sempre para interceder em seu favor» [39].

Cristo, Cristo ressuscitado, é o companheiro, o Amigo. Um companheiro que se deixa ver só entre sombras, mas cuja realidade enche toda a nossa vida, e que nos faz desejar a sua companhia definitiva. «O Espírito e a Esposa dizem: Vem! E aquele que ouve, diga: Vem! Que aquele que tenha sede, venha! Que aquele que O deseja, receba gratuitamente a água da vida... O que dá testemunho destas coisas diz: Sim, Eu venho em breve. Assim seja. Vem, Senhor Jesus!» [40].

MONS. JOSÉMARIA ESCRIVÁ DE BALAGUER

[39] Hebr. 7, 24-25.
[40] Apoc. 22,17 e 20.

Diamantino Martins e a FILOSOFIA EXISTENCIAL

Será difícil dar, num pequeno trabalho, uma visão global completa do pensador Diamantino Martins. A sua obra não é uma obra sistemática, se por sistema entendemos o desenvolvimento duma doutrina sujeita a um rígido esquema. Como poderá sistematizar-se uma filosofia da vida, uma filosofia existencial, se a vida autêntica é constituída de oscilações?

Se fôssemos coerentes com o pensamento de D. Martins, não poderíamos fazer um resumo, pois ele mesmo diz que uma obra é para ser lida toda; só ao fim é que se compreenderá plenamente.

De qualquer modo, o leitor tem agora na sua frente um esquema das principais ideias do autor do «Mistério do Homem».

Este pequeno trabalho tem uma finalidade: colocar o leitor numa pista que o pode levar à solução de muitos problemas de que talvez seja vítima. Pois qual é o ser humano que não vive um drama íntimo?

SIGLAS:

- **P D:** Diamantino Martins, «O Problema de Deus», Liv. Cruz, Braga, 1956.
- **M H:** Diamantino Martins, «Mistério do Homem», Liv. Cruz, Braga, 1961.
- **I M:** Diamantino Martins, «Imagem do Mundo», Liv. Cruz, Braga, 1963.
- **D I:** Diamantino Martins, «Do Inconsciente», Liv. Cruz, Braga 1964.
- **F P:** Diamantino Martins, «Filosofia da Plenitude», Liv. Cruz, Braga, 1966.
- **E:** Diamantino Martins, «Existencalismo», Liv. Cruz, Braga, 1955.
- **B:** Diamantino Martins, «Bergson», col. Filosofia e Religião, Liv. Tavares Martins, 3.ª ed., Porto, 1967.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei